

Jornal laboratório do curso de Jornalismo
da Universidade Católica de Pernambuco | Unicap

O BERRO

Foto: Barbara Lacerda

Terra

O cheiro, a textura, o corpo, a matéria, o templo da alma, segundo os esotéricos. O elemento Terra é a força que rege todo o ser. A manifestação da vida é intensa e pode ser observada a olho nu. É ela que gera os frutos e as raízes. É ela que é responsável por fixar a planta no solo, absorvendo a água e os sais minerais, essenciais para a vida.

É ela quem alimenta a existência e a morte. E também desperta guerras, que atravessam séculos. Mas nem sempre a sua conquista, pela lei dos homens, representa um ato de justiça. A partir da sua leitura, o passado e o futuro são desvendados. Sua ocupação é motivo de lutas no campo e nas cidades, que resistem aos tempos. Cuidar dela é preservar a história e motivo de inspiração para muitos poetas. Acompanhe nas matérias do **O Berro Terra**.

Geologia garante progresso



Foto: Júlia Maia

PESQUISA O trabalho requer muita atenção e delicadeza em todas as etapas

JÚLIA MAIA

Um “bando de doidos de pedra”, assim são os geólogos? Se isso significa muito amor e dedicação à profissão, então, sim, são loucos. Mas o que fazem esses “loucos”?

Geologia é a ciência que estuda a Terra e suas composições, e, a partir desses estudos, tornam-se possíveis os trabalhos de outros profissionais, como engenheiro de minas, por exemplo.

Através de muita pesquisa, esses cientistas chegam às jazidas minerais, base de todas as cadeias produtivas, de onde são extraídas matérias-primas utilizadas tanto para a produção de bens de consumo, quanto para a produção de meios de investimento econômico, como a agricultura e a construção civil. Sem o trabalho dos geólogos, alguns tipo de usinas de energia não funcionariam, afinal, são eles que encontram, na natureza, o material utilizado no funcionamento dessas usinas, como o urânio nuclear.

Para o desenvolvimento civil, o trabalho do geólogo se une ao do enge-

nheiro, quando, antes de qualquer projeto, é feito o mapeamento das áreas a serem utilizadas. Esse estudo de solo torna o trabalho feito posteriormente mais seguro.

Essa profissão é como uma árvore de raiz profunda, com vários campos, aos quais se englobam: geotecnia, geofísica, estratigrafia, hidrogeologia, mineralogia, paleontolo-

“Para o desenvolvimento de um país, é preciso estudar bem a geologia. Ela é infraestrutura”

gia, entre muitos outros. “Para o desenvolvimento de um país, é preciso estudar bem a geologia. Ela é infraestrutura”, assim descreve o atual presidente da Associação dos Geólogos de Pernambuco (AGP), Christino Sobrinho. Vale destacar que a AGP é a representante da categoria, no estado de Pernambuco, em discussões relativas às condições e mercado de trabalho, além de piso sa-

larial.

A geologia foi reconhecida no Brasil apenas em 1957, no governo de Juscelino Kubitschek, que, entre outros fatores, sentiu a necessidade de suprir a demanda no campo de pesquisa de petróleo e também queria explorar o vasto território brasileiro, rico em ambientes geológicos.

Entretanto, a lei 4.076, que regulamentou a profissão, foi criada apenas anos mais tarde, em 1962. Ela determinou que a fiscalização dos geólogos seria feita pelo Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (Confea) e seu representante em cada estado, o Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (Crea).

No governo de Luiz Inácio Lula da Silva, a valorização do mercado de trabalho levou ao aumento da disputa por vagas na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Por ano, o curso possui duas entradas, com vinte alunos em cada semestre.

Quem se interessar por esta profissão, merece saber que o Departamento de Geologia (Degeo) conta, atualmente, com um corpo de 27 docentes, 19 laboratórios e um Museu de Minerais e Rochas, e está entre os 15 melhores cursos do Brasil. Com a recente descoberta de jazidas de níquel em Pernambuco, o conceito da geologia no nosso Estado sobe ainda mais e, consequentemente, a situação dos geólogos está cada vez melhor.

Escavações revelam vestígios do passado



Foto: Iago Fernandes

ARQUEOLOGIA As peças são limpas com o mínimo de intervenção

IAGO FERNANDES

O arqueólogo é o profissional que analisa o modo de vida, as culturas e hábitos das civilizações passadas através de vestígios materiais.

A escavação é realizada em várias etapas. Ao identificar um local onde possam existir vestígios do passado, o profissional precisa fazer um projeto que terá que ser aprovado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o Iphan. “Nesse projeto, o arqueólogo tenta mostrar a importância daquela área e justificar a necessidade de se fazer uma escavação para resgatar, documentar e registrar os vestígios encontrados”, explica a coordenadora do museu arqueológico da Unicap, Maria do Carmo Caldas.

Depois da delimitação da área e da retirada da terra, vem o processo de decapagem, que é a limpeza das peças no local com o mínimo possível de intervenção.

Do sítio arqueológico, os materiais são enviados para laboratórios de

pesquisa, para que sejam examinados mais profundamente, e para ser feita a datação, ou seja, determinar quantos anos possui aquele vestígio. Depois de todo esse processo é que o achado é enviado para um museu, ou para uma instituição de ensino.

O arqueólogo e professor Carlos Etchevarne garante que se procura danificar ou modificar o mínimo possível do solo na área da investigação. “Não há muito impacto, porque, uma vez que os objetos são retirados, se colocam elementos identificados no piso onde se chegou e recompõe-se o solo com os mesmos sedimentos”, afirma.

Em Pernambuco já foram encontrados diversos tipos de vestígios históricos, como fósseis que datam de pelo menos 11 mil anos antes do presente.

Para Maria do Carmo, o passado tem uma grande influência sobre o presente. “Nós só sabemos o que sabemos da história do mundo e da humanidade graças ao resgate e a montagem das peças desse quebra-cabeça”.

EXPEDIENTE

O BERRO

O BERRO é uma publicação da Disciplina Jornal-Laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco.

Rua do Príncipe, 526 - Boa Vista - Recife-PE 50.050-900
CNPJ 10.847.721/0001-95 Fone: (081) 2119.4000
Fax: 81 2119.4222 | site: www.unicap.br/oberro

Coordenador do Curso de Jornalismo
Juliano Domingues

Professor Orientador
Alexandre Figueirôa

Texto Abertura
Vlaudimir Salvador

Repórteres
Carlos Segundo
Carolina Oliveira

Daniela Maia
Ellen Lacerda
Gabriel Catunda
Iago Fernandes
Joana Claude Migeon
Júlia Maia
Karla Mello
Karoline Albuquerque
Luiz Marconi
Marcelle Salles
Maria Eduarda Consentino
Mariana Paiva
Natália Simões Cavalcanti

Patrícia Gameiro
Rodrigo Cabral
Sofia Couceiro
Valentine Herold

Revisão
Fernando Castim
Texto abertura
Vlaudimir Salvador
Diagramação
Flávio Santos
Impressão
FASA



Utilize o seu celular ou tablet e baixe a versão digital de O Berro.

Nação Xambá resiste em solo urbano

PATRÍCIA GAMEIRO

O exemplo mais expressivo de resistência do povo africano contra a escravidão e luta pela terra no Brasil, foi a formação dos quilombos. Nestes locais os negros buscavam abrigo para fugir dos maus tratos ou das perseguições religiosas aos cultos dos orixás. O termo quilombo é originário da palavra do dialeto banto angolano, ochilombo, que era utilizado para nomear os acampamentos nômades. Os quilombolas foram os principais responsáveis pela preservação da cultura das comunidades de origem afro-brasileira, que influenciou a culinária, a religião, a dança e a música brasileira. Em Pernambuco, atualmente, de acordo com a Comissão Estadual das Comunidades Quilombolas, há aproximadamente 120 quilombos. Os mais conhecidos são o de Conceição das Crioulas, de Onze Negras e Xambá, esse último possui uma particularidade, ele está localizado no perímetro urbano, mais precisamente na cidade de Olinda, enquanto a maioria geralmente fica situada em áreas rurais.

Xambá é o único quilombo ur-

Foto: Patrícia Gameiro



PATRIMÔNIO Quilombolas tentam preservar tradições

bano em Pernambuco e o terceiro a receber o título no país. A trajetória de Xambá começa com a fundação do Terreiro Seita Africana São João, pelo babalorixá Artur Azevedo Pereira em 1923.

Na década de 50, as novas lideranças da Nação Xambá passam a realizar seus cultos em um novo endereço, na rua Albino Neves de Andrade, no do Portão do Gelo, bairro de São Benedito, em Olinda. É a partir dessa mudança que ocorre a transição de terreiro de Xambá para quilombo urbano.

VISIBILIDADE

O historiador Hildo Leal, explica que os quilombolas não têm a posse da terra, devido à comunidade situar-se em um núcleo urbano, e para que as famílias remanescentes da Nação Xambá receberem a posse da terra seria necessário desalojar os demais moradores da localidade, o que ocasionaria um problema social. Então, os membros de Xambá possuem um território delimitado, que não pertence a eles, porém é demarcado para que a comunidade possa ser contemplada

com as políticas públicas. A delimitação feita pela Prefeitura de Olinda, tem como limitações ao norte, a Avenida Presidente Kennedy, no sul, o Rio Beberibe, no leste, a Rua do Comércio e no oeste, a rua Estrada do Caenga.

Xambá também recebeu da prefeitura de Olinda o título de Patrimônio Imaterial. Outra ação afirmativa da prefeitura foi acatar a solicitação do babalorixá Ivo de Xambá, pela alteração do nome da rua onde o terreiro e a maioria das casas dos familiares que originaram o quilombo estão localizadas, de Albino Neves Andrade, para Severina Paraíso da Silva, em homenagem a Mãe Biu.

Apesar da importância cultural do quilombo de Xambá e dos títulos adquiridos ao longo dos anos, os moradores prosseguem na luta pela visibilidade da cultura quilombola. A fundadora do Xambá, Severina Paraíso da Silva, mais conhecida como Mãe Biu, apesar de estar na lista de homenageados do carnaval de Olinda, devido ao seu centenário de vida, não conseguiu receber uma homenagem que representasse a importância de seu legado. Um triste exemplo da invisibilidade da cultura afro.

Mangues recifenses sofrem com a poluição e a falta de planejamento



MARCELLE SALES

Os manguezais, rios e pontes recifenses são características marcantes do centro da capital pernambucana. No entanto, a urbanização acelerada e a falta de planejamento fizeram com que a natureza e os sistemas ecológicos sofressem impactos como a poluição e destruição do verde do Recife, que dão lugar a grandes empreendimentos. Com isso, a população começa a sentir na pele os efeitos e consequências da degradação ambiental.

Considerado berçário natural, o mangue abriga espécies que vivem na zona costeira e se adaptam às condi-

ções propícias à alimentação, proteção e reprodução que a vegetação oferece.

Quem olha para as margens dos rios e vê os manguezais não imagina que aquela vegetação também é responsável por amenizar o calor da cidade e conter enchentes. “Esse ecossistema é responsável por estabilizar o solo, evitando erosão e alagamentos”, explica a mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Eloiza Bento.

A ação benéfica dos mangues seria maior se não houvesse o lixo encontrado em suas margens. Os dejetos se acumulam nas raízes entrelaçadas da vegetação onde são encontrados, entre outros objetos, sacos plásticos, garrafas pet, sofás, colchões.

As consequências da poluição não param por aí. No caso dos pescadores, além dos possíveis riscos ao lidarem com o lixo, ainda sofrem com o impacto financeiro causado pela diminuição da pesca. “Há uns dez anos, a gente pescava mais que o dobro. O barco voltava cheio. Hoje dá pra pegar uns 4kg apenas”, afirma o pescador Edvaldo “Mô”.

Para o biólogo Múcio Banja os aterros do mangue e despejos de lixo nos rios não são mais admissíveis: “Precisamos ver formas menos danosas de desenvolvimento. Se for danificar, devemos compensar preservando outra área ou plantando nova vegetação”, alerta.

Imposto da Marinha é contestado na justiça

CARLOS SEGUNDO

Cerca de 70 mil pernambucanos, têm um imóvel cadastrado como Terreno de Marinha. Isso significa que todo o ano, fora o IPTU, eles pagam em torno de R\$ 5 mil à União pelo uso do terreno

O motivo da cobrança seria o de utilizar o dinheiro para fazer a limpeza dos rios, lagos e mares. “Resolvi colocar o caso na justiça porque não vejo nenhum sentido prático em continuar pagando o imposto, visto que o órgão não realiza obras de infraestrutura que sirvam para preservar o imóvel”, afirma a arquiteta Fernanda Moraes.

A Marinha ganhou na 1ª Seção do Superior Tribunal de Justiça a decisão de que o imposto seria necessário para integralização de capital social de empresa. A tese foi definida em julgamento de recurso repetitivo, o que orienta a partir de agora as demais instâncias da Justiça brasileira.

Jardinoterapia traz bem-estar

SOFIA COUCEIRO

Uma das formas de relaxar é estar em contato com a natureza. Muitas pessoas acreditam que cuidar das plantas exercita o estado de paz e esse contato contribui para elas levarem uma vida melhor.

Jardinoterapia é o termo usado para esse hobby que pode fazer bem à saúde, tanto pelo próprio exercício de prazer, quanto pelos produtos que pode gerar: ervas, flores e temperos saborosos. O processo do paisagismo, jardinagem, sensibilização da natureza e sustentabilidade promove harmonia entre o indivíduo e o jardim, o que gera um dia a dia mais feliz.

Vicente Lima, arquiteto, diz que cultivar um jardim transformou totalmente sua vida. Depois de um período conturbado de depressão, ele comprou um bonsai para decorar a nova casa. Depois disso, a paixão não parou de crescer, e hoje, o quintal é um florido jardim. “Começar a cuidar de plantas e ver meu jardim crescer me tirou da tristeza em que eu estava passando”, declarou.

E a ciência confirma. A médica Cristina Borghi, autora do livro *O jardim que cura*, em entrevista à revista

Foto: Sofia Couceiro



CLÁUDIO não esconde a satisfação de estar perto da natureza

Viva Saúde, lembra que os cuidados com um jardim diminuem o estresse porque permitem uma pausa que coloca a mente em estado meditativo.

CUIDADOS

O interesse por jardinagem começou bem cedo para o auditor fiscal aposentado e jornalista Cláudio D’Amorim. Com 69 anos, ele é encantado pelas plantas desde seus 12 anos. “Morávamos nos Afritos, minha mãe era uma grande amante de flores. Em seu jardim, colecionava orquídeas, anúrios, bem como cultivava muitas outras plantas frutíferas. Passei a ajudar minha mãe e fui me tocando pela paixão dela até hoje”, disse ele, que vê no crescimento das plantas um estímulo para a vida.

“Uma planta é como um filho. É muito bom vê-la crescer, educá-la, colocá-la para tomar sol, não deixá-la levar ventos excessivos e podá-las. Cuidados, decepções às vezes, prazer na maior parte. O bem que elas fazem a minha vida é indescritível. As plantas respondem ao seu carinho, crescem, dão belas flores, sanhassuns e bem-te-vis, que cantam junto comigo! Isso é vida. É minha vida!” declarou.

O apaixonado pelo jardim não tem preferência, gosta de todas as plantas. Diz ter um carinho especial pelas orquídeas e jasmims, mas não é especialista em nenhuma, tem o gosto genérico. “Não quero que nenhuma fique com ciúmes. São todas minhas filhas!”, finalizou sorridente.

Lixo orgânico torna o solo mais fértil

MARIANA PAIVA

Cascas de crustáceos, restos de peixe, borras de café e até a água do aquário, se perguntarem o destino de cada uma dessas coisas a você, provavelmente sua resposta será: lixo. Bem, essa é a resposta mais comum entre as pessoas, porém não a única, nem a melhor para o meio ambiente. Nos últimos anos, com o aumento da preocupação ecológica e da conscientização dos danos que os agrotóxicos e fertilizantes químicos causam na natureza, e no organismo humano, é cada vez mais comum utilizar-se de restos orgânicos como fertilizantes naturais de plantas e alimentos. Esses restos orgânicos, além de não afetarem o meio ambiente, preservam os recursos naturais e podem ser facilmente preparados em casa.

Além de contribuir com a melhoria da fertilidade, os resíduos contribuem com a melhoria da agregação do solo, estrutura, drenagem e capacidade de armazenagem no solo. Acrescentado a isso, fazer compostos orgânicos é bem mais barato ou até gratuito, estimula o desenvolvimento saudável da raiz e pode ser feito em casa por qualquer pessoa.

Atualmente, é muito comum encontrarmos nos apartamentos, seja por questão de decoração ou não, flores, plantas e até mesmo plantações de pequenos vegetais para consumo próprio. Com o aumento desse público, a agrônoma Kalina Ribeiro deu algumas dicas caseiras para fertilizar as plantinhas. “O fósforo e o nitrogênio das fezes dos peixes são excelentes fertilizantes naturais. Mas se não tiver aquário em casa não há problema, você pode nutrir suas plantas com água de cozedura de alimentos”, completou a agrônoma.

O tempo para decomposição dos substratos é de aproximadamente três a quatro meses. Ao fim do processo, repare que as camadas originais não podem se distinguir. “Quando o material estiver bem homogêneo, de cor escura, com a consistência de terra e com cheiro agradável, está pronto para utilização como adubo”, explica Kalina.

A funcionária pública Mônica Lima plantou coentro em casa e usou estrume e casca de ovos. “Foi a melhor opção. Não gasto mais dinheiro com adubo químico”.

Cultivo de plantas em apartamento requer cuidados especiais

NATÁLIA SIMÕES CAVALCANTI

Para grande parte das pessoas, cuidar de plantas naturais é algo que se faz com muito prazer e dedicação. Não é à toa que muitas delas, mesmo morando nos edifícios, em apartamentos considerados pequenos quando comparados a uma casa com quintal, não perdem esse hábito.

Preferir as plantas naturais em detrimento das artificiais, segundo o aposentado Niépce Barreto, é muito fácil de ser explicado. “As plantas naturais nos obrigam a cuidar delas, já que vão estar em nossa casa, fazendo parte da decoração. Isso é o melhor”, disse.

Essa preferência deixou a casa de Niépce, o último andar do edifício, com pouco mais de 100 m², lotado de flores e pequenas hortas.

Além de cuidar da decoração, o aposentado também cultiva em seu apartamento alguns alimentos, como tomate e pimenta. Muitas pessoas, assim como ele, têm sua própria horta, porém elas não se preocupam em

Foto: Natália Simões Cavalcanti



EM CASA Niépce cuida diariamente das suas plantas

utilizar o tipo de terra correto para o cultivo dessas plantas.

O que essas pessoas deveriam saber é que a terra também necessita ser tratada. De acordo com o professor de Bo-

tânica, da Universidade de Pernambuco (UPE), Gilberto Alves, o solo adequado para uma boa plantação é aquele em que há a mistura completa dos componentes que formam o que os biólogos chamam de ‘substrato’. “Para a planta ter fixação e absorver todos os nutrientes necessários, a terra precisa ter em sua composição o barro de jardim, a areia grossa, mais encontrada nos rios, e o adubo orgânico, que leva folhas em decomposição e esterco de vaca, por exemplo”, contou. Segundo ele, se a planta não retém muita água, por exemplo, é necessário que o substrato preparado contenha mais areia, ao invés do adubo e do barro.

Ainda de acordo com Gilberto, a quantidade de cada substância encontrada no substrato deve ser exposta na embalagem.

Portanto, para quem quer ter jardim em casa, fica a dica do professor Gilberto: existem plantas para todo tipo de ambiente. Há as heliófitas, que necessitam da luz solar agindo diretamente nelas, e as chamadas ‘plantas de sombra’, que precisam muito mais da sombra.

Com os pés bem firmes no chão



CASA uma forma alternativa de se viver em metrópoles

Foto: Joana Claude Migeon

JOANA CLAUDE MIGEON

O número de casas tem diminuído no Recife. Boa parte das pessoas tem optado por edifícios devido a uma série de vantagens, como a pluralidade de serviços na área de lazer, segurança e praticidade na manutenção do imóvel. Essa mudança tem gerado um processo conhecido como verticalização urbana, tendência observada nas grandes cidades ao redor do mundo. Em 2011, o Recife estava no 21º lugar do ranking mundial de edifícios de grande porte no mundo, perdendo apenas para o Rio de Janeiro e São Paulo no Brasil, segundo pesquisa realizada pela companhia alemã Emporis. Esse novo panorama tem criado vários debates sobre a urbanização e suas consequências na qualidade de vida da sociedade.

O aposentado Arnaldo Moura mora com a esposa há 67 anos em uma casa na Avenida Conselheiro

Aguiar, Zona Sul do Recife, e não considera mudar para um edifício. Além das lembranças que estão agregadas ao local, como o nascimento dos seus 5 filhos, a comodidade e a chance de ter um quintal não são negociáveis: “Aqui temos possibilidades que não teríamos se vivêssemos em um prédio. Uma vida mais natural e sem privações. Temos galinhas, plantas e frutas que podemos tirar do pé. Isso tudo sem abrir mão da facilidade de morar em um local perto de tudo”.

Já o casal Ricardo de Souza e Fátima Ximenes decidiram trocar o apartamento que tinham há quase 17 anos na Várzea, por um condomínio em Aldeia. Mesmo com as dificuldades relacionadas à distância do centro urbano e a precariedade do transporte público, a mudança foi considerada positiva, pois eles conseguiram mais espaço e privacidade. O maior obstáculo ocorreu na adaptação. Como antes o casal vivia

com as duas filhas adolescentes em um local próximo do centro, a mudança exigiu paciência. “Para mim, foi complicado quando nos mudamos, pois, para sair, dependemos do carro. Então, tínhamos que conciliar nossas agendas. Em troca, tínhamos mais tranquilidade e uma vida menos restrita”, comenta a filha do casal Iara Ximenes, de 21 anos.

Porém, com o aumento da violência e a demanda imobiliária, a busca por apartamentos tem crescido, de acordo com a arquiteta Marcia Hazin. “Com os problemas urbanos, as pessoas tendem a morar em condomínio fechados. Assim, elas acabam se voltando para dentro de seus lares, ao mesmo tempo em que dão as costas para a cidade”, explica. Outra questão trazida por Márcia é a área verde da cidade, que tem diminuído. Isso não apenas prejudica a circulação de ar como também compromete o bem-estar das pessoas.

Bairrismo é uma forma de amor

DANIELA MAIA

Que atire a primeira pedra quem nunca bateu no peito para dizer que é de “tal canto” com muito orgulho; Quem tem algum lugar para chamar de seu e defendê-lo com unhas e dentes? Isso é bairrismo. Segundo o dicionário Aurélio, bairrista é aquele que habita ou frequenta um bairro. Defensor dos interesses do seu bairro ou de sua terra, de maneira obsessiva e em detrimento dos demais. O termo geralmente possui uma conotação negativa, pois ao bairrismo está vinculada uma visão estreita de mundo que menospreza tudo aquilo que vem de fora. Raramente é encarado como uma atitude positiva, de amor e orgulho.

No Brasil, esse fenômeno foi percebido em meados do século XIX, envolvendo

Foto: Daniela Maia



PAIXÃO Zaca Arruda e sua tatuagem de amor à terra

políticos que aspiravam a alcançar a condição de estadistas, erguendo-se acima dos interesses regionais. Ainda muito visto nos dias de hoje, o sentimento de bairrismo já foi até comparado a um complexo de inferioridade ou até modalidade de preconceito.

Mas o designer Zaca Arruda mostra que o bairrismo pode ser uma atitude saudável. Ele é um bairrista assumido e

com orgulho. “Sou bairrista no sentido de amar a minha terra, minha origem, e por gostar de viajar muito, me acho mais bairrista ainda na hora de falar da minha terra para os outros... falar com orgulho das coisas boas, divulgar as boas vibrações desse lugar”, comentou o pernambucano de 26 anos, que de tão apaixonado por seu berço, tatuou a bandeira do Estado nas costas.

Normandia é exemplo de reforma agrária

ELLEN LACERDA

A Fazenda Normandia fica no município de Caruaru, no Agreste pernambucano, a 180 km da capital. No dia primeiro de maio de 1993, 179 famílias ocuparam a fazenda. Uma área total desapropriada de 546 hectares. Hoje, ela é um exemplo de reforma agrária bem sucedida. Os trabalhadores rurais produzem em áreas individuais para cada família alimentos como: batata doce, macaxeira, grãos de milho e feijão, carne bovina, frango caipira, suíno e caprino. Parte dessa produção vai para a merenda escolar servida no município de Caruaru.

Jaime Amorim, do Movimento Sem Terra (MST), morador do local, fala da

importância da Normandia: “Ela serve para demonstrar que os investimentos nas áreas de Reforma Agrária dão resultados positivos para a produção de alimentos. Os sem terra necessitam de investimentos para produzir alimentos saudáveis para a família, assim como ração para os animais. Junto com a produção podemos criar nossos filhos e tocar nossas vidas dignamente”.

Na Normandia, o normal é ver o povo sem expressão preocupada, pessoas que vão de casa até o plantio a pé. Gente que teve vários direitos negados, educação, saúde e chão e agora se sente feliz. A reforma agrária é o principal instrumento para resolver o problema da estrutura injusta concentradora de terra e de riqueza.

Areia da praia oferece perigos

CAROLINA OLIVEIRA

Para alguns, é revigorante: há quem ache que botar os pés na areia e estar próximo ao mar é a melhor das terapias. Mas o que deveria deixar a mente sã pode, por outro lado, trazer malefícios ao corpo. É que a areia da praia é um meio fértil para a contração de doenças de pele, o que requer cuidado redobrado dos banhistas.

Há 3 anos, o administrador de empresas Rodrigo Manoel cumpria uma de suas atividades rotineiras: ir à praia. Depois de perceber manchas vermelhas nos pés, ele logo procurou atendimento médico e recebeu o diagnóstico - dermatite pruriginosa, proveniente do contato com as fezes do cão. Desde então, passou a se reservar quando o assunto é praia. “Por causa da presença da larva migrans cutânea na

Foto: Carolina Oliveira



ALERTA Dejetos de animais são principais vetores na causa de contaminações

areia, tive a dermatite. A sensação nos dias seguintes era de coceira, e a vontade era de nunca mais voltar àquela areia, que eu sempre soube que não era tão limpa assim, mas ignorava.”

O médico dermatologista Aprígio Neto explica que, na praia, qualquer pessoa está suscetível a doenças de pele.

De acordo com ele, a dermatite pruriginosa é apenas uma em meio a uma gama de doenças que Rodrigo poderia ter contraído. “As doenças mais comuns do verão são aquelas que são agravadas pela temperatura elevada e a umidade, as ditas micoses, que são produzidas por fungos. São microorganismos que se adaptam bem

a essas condições”, destaca o dermatologista. As micoses mais comuns são as frieiras, que acometem a região entre o vão dos dedos e, às vezes, também o dorso dos pés, onde se percebe uma descamação úmida e macerada. Quando a área acometida é a região inguinal, trata-se da popular “impingem”, que aparece em forma

de meia lua. A mais conhecida é apontada por ele como Pityriase Versicolor, o chamado “pano branco”: são manchas esbranquiçadas, avermelhadas ou acastanhadas. A doença pode ser notada pela descamação que se assemelha à farinha.

Algumas medidas podem ser tomadas para evitar a contração de doenças: enxugar-se bem (principalmente em dobras), evitar o uso de roupas sintéticas e molhadas por muito tempo, tomar banhos frios e usar roupas arejadas são os principais cuidados que se deve tomar.

Para quem se descuidou, é importante procurar atendimento médico. O profissional vai orientar tratamento com antifúngicos tópicos, que podem ser acompanhados de medicações orais e antibióticos, caso haja uma infecção associada.

Donos de armazéns sofrem com comércio ilegal de areia

LUIZ MARCONI

A proibição de extrair areia de áreas do Grande Recife, somadas à falta de fiscalização nas jazidas, proporcionam aos infratores facilidade na retirada do material.

Com a crescente proibição da retirada em locais urbanos, devido aos impactos ambientais, a extração parte para outros meios e as áreas mais afastadas dos centros comerciais viraram alvo dos infratores pela falta de fiscalização e facilidade de acesso ao material.

É o caso de Petrolina onde a Agência Municipal do Meio Ambiente (AMMA) da Cidade, no Sertão do Estado, idealizou uma operação em parceria com membros de outras entidades para fiscalizar as principais áreas onde é encontrada a areia.

“Esta operação foi traçada após a identificação das áreas, pela equipe da

agência junto com a coleta de informações em outros órgãos fiscalizadores. Esse tipo de ação predatória acarreta danos ambientais, entre eles a erosão, extinção da vegetação e o assoreamento dos riachos, o que acaba provocando uma série de alagamentos no período chuvoso”, enfatiza o diretor

“Não tem como competir, eles vendem mais barato e a qualidade da areia é quase a mesma”

presidente da AMMA, Gleidson Castro.

Os donos de armazéns são os que mais sofrem com a concorrência de vendedores ilegais a exemplo do empresário José Hernan, que é proprietário de um armazém no Bairro de Boa

Viagem e está no ramo de materiais para construção há 30 anos. Ele confirma a existência de métodos ilegais no comércio de areia e mostra indignação quanto à punição dos infratores. “Não tem como competir, eles vendem mais barato e a qualidade do produto é quase a mesma, além de muitas vezes extraírem a areia ilegalmente das mesmas jazidas que nos fornecem, aumentando ainda mais o preço do produto”, enfatiza o empresário.

A pena prevista para quem comete este tipo de crime está contida no artigo 2º § 1º da Lei 8.176/91 e artigo 55 da Lei 9.605/98. Dependendo do caso, o infrator pode cumprir detenção de um a seis anos e multa. Os principais problemas causados pela retirada clandestina são como erosão e desmatamento da vegetação, danos esses que podem ser irreparáveis.

Ocupação irregular cria áreas de risco

GABRIEL CATUNDA

Enchentes e deslizamentos de terra na Região Metropolitana do Recife (RMR) têm como causa desmatamentos, ocupações irregulares e aterros do passado. A ocupação desordenada possui um histórico desde o período colonial, época na qual a cidade foi erguida.

Os morros foram ocupados de uma forma espontânea, ou até mesmo, por meio de invasões, sem obedecer a nenhum critério de segurança. Isso explica os riscos vivenciados pela população urbana dessas áreas.

A evolução do processo de urbanização e a falta de políticas públicas geraram agravamentos na favelização. Lonas pretas de proteção costumam ser instaladas. Em alguns pontos, a situação melhora quando são realizadas a concretagem de pisos em morros. “Sem essas medidas preventivas, quando chove

forte e regularmente, as casas escorregam pela barreira. É um destino caótico, principalmente, para a população de menor renda”, explica Ana Correia, geógrafa e mestre em meteorologia.

A necessidade de moradia em áreas disponíveis e de baixo valor imobiliário são o que levam as pessoas para essas áreas de risco. Em contrapartida, é inviável transferir toda população dessas regiões para outros locais. A adoção de projetos de moradia sem despejos irregulares de esgoto deve ser uma solução.

Para Maria de Lurdes, 49 anos, moradora da Guabiraba, em Camaragibe, os constantes deslizamentos, são recorrentes da enorme quantidade de lixo despejado nesses locais. “Não adianta limpar os dejetos, sem realizar uma campanha que ensine as pessoas a não jogar lixo nas ruas. Todo ano, o cenário se repete”, destaca.

Sertão inspira cantores nordestinos

VALENTINE HEROLD

Ter.ra [Lat. Terra] sf. (...) Terra firme. 1. Qualquer porção sólida e não submersa da superfície terrestre (p.opos. aos mares, lagos, etc). É dessa forma objetiva e restrita que o dicionário Aurélio define um dos quatro elementos. Assim como a definição oficial, as interpretações de compositores que marcaram a música nacional também são abrangentes. De Luiz Gonzaga a Zé Ramalho, artistas nordestinos exploraram o elemento terra melodicamente, ritmicamente e em muitos versos e temas.

Luiz Gonzaga, nascido em Exu, foi responsável por alavancar Pernambuco pelo Brasil afora na segunda metade do século XX. E parte de sua obra descreve bem os problemas da seca, castigo sertanejo do tempo – não aquele triplo, tão cantado por Caetano, outro compositor brasileiro que se apropriou de um dos quatro elementos explorados nesta matéria. Na década de 1940, Gonzaga co-

meça a compor canções que falam de sua terra natal e, consequentemente, dos problemas sofridos pela seca. *Asa branca* é talvez a música mais conhecida de Luiz Gonzaga. Composta junto a Humberto Teixeira, ela retrata as dificuldades dos sertanejos e a tristeza de ver “a terra ardendo, qual a fogueira de São João.”

“Luiz Gonzaga é dono de uma das obras mais atávicas da MPB. Ela fala da terra, do homem, da luta. Embutidos na sua música estão a fauna, a flora, os costumes do seu povo. É uma obra enciclopédica”, analisa o crítico de música e pesquisador de Gonzaga, José Teles.

Outra música cantada por Gonzaga, e também por seu filho, Gonzaguinha, e que se apropria da temática da terra – novamente com a seca –, é *Súplica cearense*. Foi justamente essa canção que levou o paraibano Josué Muniz a compor sua primeira música, *Judiação*, há cerca de oito anos. A faixa faz parte do repertório de seu grupo de forró pé-de-serra, Trio Paraíba, até hoje. “Nasci e fui criado em Campina

Grande, mas minha família toda é de Piancó, no Sertão. Então o tema da seca, da luta dos sertanejos, sempre me foi muito próximo e que me tocou muito”, conta.

MISTICISMO

Com todo seu psicodelismo sertanejo, o antológico disco *Paêbiru: caminho da montanha ao sol*, de Lula Côrtes e Zé Ramalho – hoje o vinil mais raro e caro do Brasil – reúne os quatro elementos no mesmo álbum. O “lado Terra” é composto pelas faixas *Trilha de sumé*, *Culto à terra* e *Bailado das muscarias*. Os ritmos indígenas e das guitarras distorcidas e o próprio título do disco remetem ao monumento arqueológico chamado de Pedra do Ingá. As rochas e seus desenhos rupestres foram a inspiração da dupla para compor as faixas do disco. Das letras às vivências, dos arranjos aos instrumentos utilizados, a temática da Terra foi apropriada por cantores e compositores nordestinos que marcaram a música nacional.



Foto: Reprodução

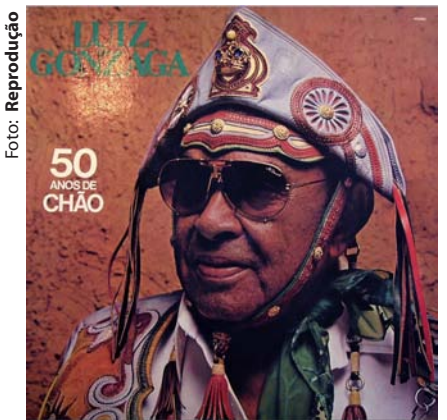


Foto: Reprodução

MARCANTES Discos de Luiz Gonzaga e Lula Côrtes e Zé Ramalho retratam visões antagônicas do elemento terra

A terra dá a vida e acolhe a morte

MARIA EDUARDA CONSENTINO

O solo em que pisamos é bastante importante quando o assunto é vida. É da terra que extraímos e colhemos os vegetais, frutas, plantas medicinais e raízes comestíveis para a nossa sobrevivência.

O agricultor Floreano Silveira, 43, é proprietário de um sítio em Arcoverde e vive do cultivo de subsistência de vegetais e frutas. Seu interesse pela agricultura vem desde a infância. Costumava admirar a horta de seu pai, contribuindo responsabilmente desde muito cedo, lembra. Tendo adquirido experiência, Silveira passou a ser chamado para ajudar no trato das terras cultivadas dos vizinhos e parentes próximos.

Há aproximadamente 20 anos, contando com pequenos pedaços de terra disponíveis no entorno de seu sítio, organizou um grupo de amigos moradores do loteamento a fim de limpar e adubar o solo. Interessava que o mesmo ficasse forte, pois, com intenso trabalho, o grupo veio a fundar mais adiante a primeira cooperativa de agricultores da região. “Pra mim é muito mais que subsistência, com o tempo além de



Foto: Maria Eduarda Consentino

SETE PALMOS Após a morte voltamos a integrar a terra

ver beleza, eu vi amor na terra e do que pode surgir dali”.

O OUTRO LADO

Se, por um lado, a terra garante a subsistência para a vida humana, por outro, quando a vida acaba, é ela também quem nos acolhe. Ela também tem o poder simbólico de enterrar cadáveres.

A técnica de enterrar os corpos é um antigo costume. Povos primitivos, tribos indígenas já sepultavam seus mortos. No caso da cultura cristã ocidental, dentro de algumas igrejas, ha-

via espaços apropriados para enterrar pessoas e com isso espalhou-se a ideia do culto funerário. Juntamente a esse processo, nasceu a crença de que o defunto, ao ser enterrado de acordo com a observação de certos rituais, não irá voltar para perturbar os vivos.

Para os espiritualistas que acreditam na vida após a morte, o sepultamento seria um período de desprendimento da alma do corpo físico. A espírita kardecista Margarida Cristina diz que o valor da terra para o espiritismo é importante para que “ocorra a passagem e o amadurecimento do

espírito, para que ele possa entrar em outro ciclo”.

SEPULTAMENTO

A colocação dos corpos sem vida sob a terra é também uma questão de saúde pública. Com os enterros evita-se que a decomposição do cadáver fique exposta, provocando doenças. Evita também que sintamos o odor dos gases produzidos pelas bactérias que se alimentam de carne humana.

O processo de sepultamento requer cuidados higiênicos e também uma atitude respeitosa, pois entregar um corpo à terra é um rito de despedida. O coveiro Fernando Matos, 34, trabalha no Cemitério de Santo Amaro há 3 anos e sabe bem o que isso representa. Ele prepara a terra, cavando e deixando-a pronta para o enterro, mais ou menos 6 horas antes. “Comecei a trabalhar aqui por falta de opção, no início tinha bastante medo”, conta.

Hoje o medo não afeta mais Fernando, ele agora tem mais consciência da sua missão. “Me emociono bastante, principalmente, porque vejo que muitos não aceitam a realidade da morte. Na hora de colocar a areia sobre o caixão, algumas pessoas já tentaram impedir que eu faça meu trabalho.”, completa.

Vitrificação valoriza cerâmica

KAROLINE ALBUQUERQUE

Tão antigo que pode se confundir com a história da humanidade. O nome “cerâmica” vem do grego *kéramos* e significa objeto queimado. Arte essa que virou fonte de renda para a artesã pernambucana Ana Corsina desde que foi morar nos Estados Unidos, em 1993. Com o barro, Ana produz tigelas, xícaras, pratos e outros materiais que podem ser utilizados no dia a dia.

Sempre que volta à terra natal, traz peças feitas por ela para presentear amigos e parentes. Lá fora, Ana, além de vender suas cerâmicas, usa em casa. “Gosto mais de fazer peças que têm uso, de mesa, forno, micro-ondas. Como gosto de cozinhar, gosto de apresentar coisas que posso usar.”

“O barro queimado é usado desde a pré-história, quando o homem se tornou sedentário e passou a praticar a agricultura. Os grupos precisavam de potes de cerâmica para armazenar os grãos e água”, explica o historiador Lenildo Surubim, formado pela Universidade Federal de Pernambuco.

Para pegar os materiais e começar a moldar, Ana só precisa de uma ideia. “A cerâmica envolve muitas áreas, mas eu decidi ir para essa parte, pois faço minhas peças na roda. Mas, posso



também fazer a mão”, explica.

A técnica que Ana usa para dar cor aos utensílios é a vitrificação. “No Brasil, você vai a uma feira livre e compra panela de barro cozido só uma vez. Lá, primeiro você dá a forma e cozinha. Depois vitrifica e coloca no forno novamente, pois as cores só ocorrem em temperatura”, explica. É proibido, nos EUA, colocar alimentos em peças sem vitrificação, pois ela protege a comida. Comida em panela de barro é algo folclórico, conta o professor Surubim. “Às vezes você vai a restaurantes no interior, e eles fazem questão de dizer que a comida é feita em panela de barro. As pessoas acham o gosto melhor”, ressalta.

A mãe de Ana, a aposentada Jovita José, de 78 anos, tem peças feitas pela

filha. Mas só sobre a mesa. “Quando tínhamos um sítio, há cinco anos, eu usava fogão à lenha e preferia usar a panela de barro daqui mesmo, sem essa pintura”, explica sorrindo Jovita.

Ana usa até 5 quilos de barro de uma só vez. Os fornos variam de baixas a altas temperaturas. “Uso a média, com forno elétrico. Se eu quiser mais de mil graus, preciso ir para um forno de gás natural”, salientou Ana.

Quanto às vendas, basta o cliente explicar o que quer e mãos à obra. “As pessoas pedem: quero uma coleção de pratos, de vasilhas, ou um jarro pra decoração.” Os preços do trabalho de Ana variam de R\$ 10, para peças pequenas, a R\$ 200, para peças grandes. Há variações também quando a vitrificação é diferente.

Santos em pedra marcam obra de artista

RODRIGO CABRAL

Um dos destaques culturais no Estado de Pernambuco são os artistas plásticos que trabalham com escultura de pedra e cerâmica. Os escultores buscam inspiração e apostam na criatividade para divulgar a sua forma de arte. Muitos desses artistas plásticos utilizam essas criações como fontes de renda.

Jaime Nicola de Oliveira, 55 anos, produz diversos tipos de imagens na pedra, porém predominam os desenhos de anjos e santos. O trabalho do artista possui influências católicas e a religião costuma ser um tema bastante abordado em suas obras. No Recife, as produções do artista apareceram em várias exposições, entre elas, Fenearte.

Segundo o escultor Jaime Nicola de Oliveira, o tema da obra é livre e pode representar qualquer assunto ou ser abstrato. “As ferramentas que vão ser utilizadas irão depender do tipo de material que o artista vai escolher”, afirmou o artista plástico.

Argila ajuda a cuidar da saúde e da beleza

KARLA MELLO

Pesquisas mostram que, quando se trata de alcançar maiores benefícios nos tratamentos estéticos, a área mais estudada é a natureza. E é da terra de onde vêm os principais elementos para hidratar, reconstituir ou desintoxicar.

A argila é um desses elementos. A máscara de argila tem o poder de resolver todo o tipo de problema em poucos minutos, devido a alta concentração de nutrientes em seus compostos.

A dermatologista Karina Brayner explica de que é feita a máscara de argila. “A argila é um composto de minerais, como ferro, zinco, cálcio etc, extraídos da decomposição do solo ao longo dos séculos”. E completa, “esses minerais, acrescidos dos óleos encontrados nas raízes, caules e folhas dos vegetais, funcionam como potenciadores de determinados efeitos, conforme a sua concentração”. Dessa forma, são criados os diversos trata-

mentos com a argila.

Adriana Heliodoro tem 25 anos e utiliza a argiloterapia como tratamento estético há dois. A jovem encontrou na argila um tratamento eficaz contra o envelhecimento precoce da pele. “Faço aplicação de máscara de argila cinza no corpo pelo menos uma vez ao mês, e quando passo um tempo sem usar, é visível a diferença na minha pele”, afirma Adriana.

Outra forma de utilização da argila, é a mais nova sensação do mercado da beleza: a argiloterapia capilar. Camila Almeida, tem 26 anos, é modelo, e usa a argila para cuidar das madeixas. “Meu cabelo é minha ferramenta de trabalho, por isso procuro sempre cuidar bem dele”, explica a modelo. Ela disse que sempre buscou tratamentos que recuperam os fios submetidos aos constantes tratamentos químicos. E foi em um centro especializado em estética capilar que Camila conheceu a argiloterapia.

Síglia é proprietária do centro de estética capilar - que leva seu nome

- no bairro do Poço da Panela, zona norte do Recife, e quem apresentou a argiloterapia a Camila. A especialista garante a ação regeneradora da argila. “Eu costumo chamar de “peeling” capilar”, enfatiza Síglia. “A argila retira todo tipo de impureza e resíduos químicos, fazendo uma limpeza profunda no couro cabeludo”, explica a especialista. A ação antioxidante faz com que os fios fiquem completamente revitalizados e visivelmente mais saudáveis. Síglia indica uma marca de argila capilar que já vem pronta e é de fácil aplicação em casa: Águas de São Pedro. Ela sugere de 10 a 12 aplicações, com intervalos semanais. Síglia alerta que, em alguns casos, se os fios estiverem muito ressecados, eles podem parecer ainda mais secos. “Isso até acontece eventualmente nas primeiras sessões, mas essa aparência muda com o uso frequente de hidratantes e da própria argila, que tem também a função de equilibrar a fibra capilar. Aos poucos, os fios se revigoram e ganham brilho”, ensina a especialista.

Tipos de argila

Argila Branca
É indicada para peles sensíveis e desidratadas, e para cabelos secos e sem brilho. Ela clareia e hidrata a pele, bem como, nutre e sela as cutículas dos fios.

Argila Cinza
É indicada para peles oleosas e com manchas. Clareia e retarda o envelhecimento da pele, protegendo-a dos raios UV, além de ajudar na redução das medidas.

Argila Preta
É indicada para peles e cabelos oleosos. Desintoxica a pele, além de poderosa ação antiinflamatória e antiestresse. Limpa e tonifica o couro cabeludo.

Argila Verde
É indicada para peles oleosas e com acne. Realiza um peeling natural, removendo o excesso de oleosidade da pele. Nutre os tecidos com sais minerais e absorve radiação solar, retardando o envelhecimento.